

A SEGUNDA GUERRA MESSÊNIA E O HERÓI *TIRTEANO*

Prof. Ms. Luciene de Lima Oliveira (UERJ / UFRJ)

RESUMO: Tirteu, poeta espartano de meados do século VII a.C., compôs elegias, em sua maioria, parenéticas de tom guerreiro. Assim é que o presente artigo tem por escopo tecer considerações a respeito da Segunda Guerra Messênia e da caracterização do herói tirteano. Ressalte-se que este trabalho privilegiou, principalmente, os fragmentos 10 W, 11 W e 12 W como *corpus*.

Palavras-Chave: Guerra; Herói; Esparta

A guerra é um dos fenômenos a ser evitado, mas que, frequentemente, ocorre nas sociedades humanas. Ainda que, segundo Garlan, o homem grego não pudesse ser definido como alguém que gosta da violência pela violência, isto é, como um *homo militaris*, muitos foram os conflitos em que eles se envolveram. Para o helenista, é “como se a paz fosse, desde o primeiro momento, considerada precária ou mesmo concebida como uma espécie de trégua prolongada” (apud VERNANT, 1994: 49-50).

Ressalte-se que o contexto histórico, a que Tirteu pertence, tem ligação com a Segunda Guerra Messênia. É bom lembrar que houve duas guerras entre Messênia e Esparta. Na primeira guerra, os espartanos, sob a liderança do rei Theopompo, foram vencedores depois de quase vinte anos de árdua luta em torno da segunda metade do século VIII a.C. Assim, os espartanos conquistaram a Messênia que possuía ótimas terras laborais conforme o fragmento 5 W de Tirteu.

Embora os messênios tivessem sido subjugados pelos espartanos, havia sempre a iminência de uma revolta. Depois de um século de opressão, os messênios se revoltaram, com a ajuda de aliados de Argos, Arcádia e Pisa. Esta rebelião é conhecida como Segunda Guerra Messênia ocorrida na segunda metade do século VII a.C.

A Segunda Guerra Messênia teria durado, aproximadamente, vinte e dois anos e, novamente, os espartanos foram os vencedores como os seus antepassados. Tirteu, com seus versos marciais, estimulava o ânimo, o valor e a coragem nos guerreiros espartanos a

lutarem com ardor contra os inimigos messênios e seus aliados. Ora, há referências a essas duas guerras nos versos bélicos de Tirteu.

A linguagem de Tirteu é, em grande parte, herdeira de tradição épica. De um modo geral, as suas elegias demonstram um amplo conhecimento do vocabulário da *Ilíada* e *Odisseia*, quando descreve a luta sangrenta e o heroísmo guerreiro. O ideal espartano é próximo da epopeia homérica no que diz respeito à bravura, apesar de pertencerem a tempos literários diferentes e fazerem referências a tempos históricos também distintos.

O poeta Tirteu é uma referência no estudo acerca da bela morte, pois é considerado o cantor da bela morte e um porta-voz do ideal espartano: o morrer em favor da terra, assim, o guerreiro oferece sua vida em prol de sua cidade.

Não há como negar que a bela morte é como se fosse um critério de bravura e, conseqüentemente, a coragem é vista como uma lei, uma ordem, sendo, antes de tudo, útil, pois condiciona os espartanos a serem corajosos e vitoriosos, mas, infelizmente, há aqueles que não creem nisso e preferem a fuga (11 W, 14).

Uma expressão em particular, nos versos de Tirteu, deve ser digna de nota, logo no início da elegia 10 W: *tethnámenai gàr kalón* ..., “é belo morrer ...”, onde o adjetivo *kalón*, “belo” está em posição enfática, e, além do mais, *kalón* não deve estar separado do contexto geral, onde a ameaça da vergonha e desonra predomina a elegia.

Ainda mais significativo é o fato que o primeiro dístico do fragmento 10 W: *tethnámenai gàr kalòn enì promákhoisi pésona / ándr’ agathòn perì êi patrídi marnámenon*, “é belo morrer, caindo entre os combatentes das primeiras filas / um homem valente ao combater por sua terra”, está em oposição aos versos 3-10. *Kalón* se opõe primeiro a *ptokheúein pánton ést’ anierótaton*, “mendigar é o mais penoso de tudo” (10 W, 4); *plazómenon sýn metrí philei kai patrì géronti*, “andando errante com sua mãe e o velho pai” (10 W, 5); *ekhthròs mèn gàr toîsi metéssetai oús ken hiketai*, “será odioso àqueles de quem se aproximar”, (10 W, 7); *khresmosýnei t’ eíkon kai stygerêi penpeníei*, “cedendo à necessidade e à terrível pobreza” (10 W, 8); *aiskhýnei te génos, katà d’ aglaòn eídos*

elénkhei, “envergonha a raça, desfigura a brilhante aparência” (10 W, 9); *pâsa d’ atimíe kai kakótes hépetai*, “toda desonra e covardia seguem-no” (10 W, 10).

Tirteu estabelece uma antítese entre o adjetivo *kalón*, “belo” e *ekhthrós*, “feio, odioso” nos dez primeiros versos do fragmento 10 W, fazendo também uma oposição entre o destino de um errante, e o destino do *anèr agathós*, do “homem valente” que morre lutando no campo de batalha.

O *kalòs thánathos*, a “bela morte” é sinônimo de morte heroica, expressa-se no campo de batalha quando um guerreiro morre valentemente:

É belo morrer, caindo entre os combatentes das primeiras filas,
um homem valente ao combater por sua terra. (10 W, 1-2)

Convém ainda sublinhar que a expressão *tethnámenai gàr kalòn*, “é belo morrer” é mais uma afirmação da morte, a serviço da *pólis* (10 W, 1- 2), sendo este tipo de morte mais aceita do que uma fuga do covarde.

O poeta exorta, mais uma vez, os combatentes a defenderem a terra e os filhos:

Lutemos com ardor por esta terra e pelos filhos,
morramos, sem pouparmos nossas vidas. (10 W, 13-14)

Tirteu tanto exalta a bela morte, quanto dá ênfase aos inúmeros ferimentos do herói:

Muito ferido na frente através do peito,
do escudo côncavo e da couraça. (12 W, 25)

Christopher M. Dawson sugere uma dupla dimensão da beleza, uma em relação à honra e a outra em relação à juventude e, ainda, ressalta em relação ao herói em Tirteu que “a beleza sensual pode existir em vida, mas a verdadeira beleza se encontra na morte heroica” (apud GNOLI & VERNANT, 1977: 62).

De acordo com Adkins, Tirteu não pode fingir que ninguém morre na batalha, mas poucos morrem, quando os guerreiros lutam bravamente ombro a ombro com seus

companheiros e ajudam ainda a salvar o *laòn opísso*, a “tropa da retaguarda” (ADKINS, 1985: 82):

Aqueles que, permanecendo junto uns com os outros,
12 ousam ir para o combate corpo a corpo e para as primeiras filas
 poucos morrem, salvam a tropa da retaguarda. (11 W, 11-3)

Sublinhe-se que a audácia, as atitudes desenfreadas que permitiam ao guerreiro realizar grandes ações era uma espécie de um *furor belicoso*, de *lýssa*, onde o guerreiro estava fora de si. O próprio Heitor, devido a sua fúria, chegou a ser chamado por Poseidon de *ho lyssódes* “aquele que é semelhante à *lýssa*” (HOMERO. *Ilíada* XIII, 53).

Não obstante, a virtude guerreira, para o herói *tirteano*, não pertencia à ordem do *thymós*, do “impulso” e sim da *sophrosýne*, a “temperança”, um domínio muito grande para que o guerreiro pudesse refrear seus impulsos, e não perturbasse a ordem da formação em falange.

Ressalte-se que o modo de combater em falange encontra seu prenúncio já em Homero (HOMERO. *Ilíada* XIII, 126-134; IV, 422-9). A tática predominante dos contingentes aqueu e troiano era o combate em massa; as falanges quando, frequentemente, pressionadas pelo inimigo, desfaziam-se (HOMERO. *Ilíada* V, 93-7; VI, 5-7).

Assim é que a coragem dos combatentes não se baseava num furor guerreiro, mas sim numa solidariedade que se resumia em não abandonar seus companheiros e seu posto, afinal, eram *homoioi*, “semelhantes”, no interior da falange, onde teria de haver lugar para a amizade, companheirismo e ajuda mútua.

É bom lembrar que, na Grécia Arcaica, denominava-se falange à tropa de infantaria disposta em várias fileiras, geralmente, oito, à maneira de um retângulo cerrado, que tinha por objetivo pressionar o inimigo e garantir o preenchimento dos espaços vazios, de modo a formar um grupo compacto.

Os guerreiros, prensados uns contra os outros, protegidos por escudos que se apoiavam uns nos outros e com elmos se tocando, constituíam um verdadeiro *hérkos*, isto é,

uma densa *muralha*, como bem exemplificam os versos 29 a 34 do fragmento 11 W do poeta espartano Tirteu:

29 Mas cada um indo perto, ferindo no corpo a corpo com uma grande
lança ou espada, mate o guerreiro inimigo;
colocando pé junto de pé e apoiando escudo contra escudo,
e penacho em penacho e capacete em capacete,
e aproximando peito de peito, combata contra o inimigo
segurando ou o punho da espada ou uma grande lança. (11 W, 29-34)

Esses versos supracitados de Tirteu nos dão algumas indicações acerca da formação hoplítica. A distância entre os combatentes era de menos de um metro, de sorte que um exército, por exemplo, de dez mil homens, estendia-se por cerca de 2,5 km (VERNANT, 1994: 59).

Com essa tática de guerra, aparece um novo tipo de combatente: o hoplita, guerreiro de infantaria pesada, equipado com um escudo circular, com 80 a 90 centímetros de diâmetro, feito de bronze ou de uma mistura de madeira, vimes e peles. *Hóplon* era o nome desse escudo e é dele que provém a designação hoplita, *hoplíte*.

Além do mais, o hoplita deve recusar proezas individuais, afinal é, conforme Vernant, “o homem da batalha de braço a braço, da luta ombro a ombro; foi treinado para manter a posição, marchar em ordem, lançar-se com passos iguais contra o inimigo, cuidar, no meio da peleja, de não deixar seu posto” (VERNANT, 2002: 67-8).

Supõe-se que esta nova forma de combate se tornou rotina no mundo das *póleis* gregas no decorrer no século VII a.C. Não há, contudo, unanimidade entre os helenistas acerca das causas que motivaram o surgimento da falange, uns preferem acreditar que este aparecimento esteja ligado à inovações técnicas; outros, à transformações sociais.

A propósito, uma das diferenças mais acentuadas entre o mundo de Tirteu e dos poemas homéricos está nas relações do indivíduo com a comunidade, pois os guerreiros de

Homero lutam pela glória individual, enquanto os heróis de Tirteu combatem pela comunidade, por suas famílias e dependentes.

Convém lembrar que dividir a façanha era praticamente impossível para o herói homérico. Um exemplo muito claro foi quando Aquiles, ao perseguir Heitor, faz um sinal, para que os outros guerreiros aqueus não lançassem nenhum dardo contra o troiano, pois o semideus não queria ficar em segundo plano, queria ele sozinho matar o maior guerreiro troiano (HOMERO. *Ilíada* XXII, 207-9). Não obstante, o seu próprio pai, Peleu, o aconselhara a se destacar acima dos outros (HOMERO. *Ilíada* XI, 783-4).

Assinale-se que há, na *Ilíada*, um episódio em que Heitor está claramente, lutando pela sobrevivência de Troia (HOMERO. *Ilíada* XXII, 241-243). Também encontra-se em Calinos este sentimento de amor à terra (1 W, 6-8).

Nos versos de Tirteu, não há, somente, referência à bela morte de um guerreiro como também referência à feia morte, afinal, a morte de um covarde, morto pelas costas, no campo de batalha, era vista como algo inaceitável e vergonhoso:

É penoso ferir por trás o dorso
18 de um homem que foge na guerra mortífera.
É vergonhoso um cadáver estendido na poeira
atingido pela ponta da lança nas costas. (11 W, 17-20)

Tirteu, como de hábito, coloca palavras e expressões importantes no início dos pentâmetros e hexâmetros para dar ênfase: *argaléon*, "penoso" (verso 17); *andròs pheúgontos*, "homem que foge" (verso 18); *aiskhrós*, "vergonhoso" (verso 19) e *nôton*, "costas" (verso 20).

Tirteu reitera em suas elegias que a obrigação do *agathós*, do "valente", é ser bravo, corajoso na guerra (11 W, 2; 12 W, 1-9) e evitar a fuga e o medo (10 W, 16; 11 W, 3, 14; 12 W, 43-44), afinal, a fuga é vergonhosa (10 W, 16; 12 W, 17), como qualquer tipo de recuo na batalha (11 W, 19-20; 10 W, 17-20).

Tanto em Tirteu quanto em Homero há exortação aos guerreiros para que sejam valentes. O herói homérico, Agamêmnon, no canto V, 529-532 da *Ilíada*, por exemplo, percorria as tropas dos aqueus, para exortar os guerreiros à não fugirem, lembrando que

para um covarde, para os que fogem, não há *kléos*, “glória”, nem socorro. Destarte, o covarde, de acordo com Odisseu, não era digno de ter sepultura (HOMERO. *Ilíada* XI, 445-6).

Um guerreiro covarde, além de envergonhar a sua raça, é um guerreiro que não merece nenhuma *timé*, pois tem como aliados a *atimíe* (verso 10), “desonra” e *kakótes* (verso 10), “covardia”. Consequentemente, este homem é alguém sem *aidós*, ou seja, alguém que não é digno de respeito, de consideração. Há, pois, uma conexão clara entre *aidós*, “respeito” e *timé*, “honra”. O binômio *aidós*, “respeito” e *aiskhrýne*, “vergonha”, são vocábulos que estão presentes no estatuto cívico de Esparta, como pontua Nicole Loraux (LORAUX, 1989: 82).

Observa-se que Esparta não era ainda uma sociedade militarista na época de Tirteu. A pólis espartana adota mais tarde uma atitude muito ferrenha em relação aos covardes. Em Tirteu, há referência aos *trésantes* (11 W, 14), para denotar àqueles que fogem, por terem medo: *tressánton d’ andrôn pás’ apólol’ areté*, “mas toda excelência dos fugitivos desaparece”.

Não é somente a fuga e o morrer ferido pelas costas no campo de batalha que é *aiskhrón*, “vergonhosa”, mas também a cena de um guerreiro mais velho cair morto nas primeiras filas na falange na frente dos mais jovens (10 W, 21-2), visto que jaz com as partes pudendas ensanguentadas. O primeiro sentido de *aiskhrón* se situa no campo da aparência física, como destaca Cairns (CAIRNS, 1999: 161-162).

A ênfase na aparência física é reforçada pela adição de *ophthalmoís*, “para os olhos”, imediatamente depois de *aiskhrá*, “coisa vergonhosa” (10 W, 26), é, então, posto em relevo o aspecto visual da cena:

É vergonhoso isto: um homem mais velho, caindo
entre os combatentes das primeiras filas, jazer diante dos jovens
com a cabeça já branca e a barba grisalha,
exalando no pó o ardor varonil,
25 com as partes pudendas ensanguentadas em suas mãos,
coisa vergonhosa para os olhos e detestável de ser vista,
e a pele desnuda. Mas tudo convém aos jovens,

enquanto possuem a brilhante flor da amável juventude,
é digno de ser visto pelos homens; amado pelas mulheres,
enquanto vivo; mas é belo se cair entre os combatentes das
primeiras filas.
(10W, 21-30)

Ora, em Tirteu, o *palaiotéros*, o “mais velho”, *geraiós*, o “mais venerável”, cuja morte contrasta com a do *néos*, *jovem* é um ancião cheio de vigor que combateu e morreu nas primeiras filas, lugar onde, na falange, deveria ter sido ocupado por um mais jovem. Existe um tom de reprovação moral para os jovens.

Há, ainda, uma outra exortação para os *néoi*, “jovens”, que não deviam abandonar um guerreiro mais velho, cujos joelhos não eram mais ágeis (10 W, 19-20). Homero também faz menção à força e habilidade dos jovens em oposição à falta de agilidade dos mais velhos (HOMERO. *Ilíada* XIII, 481-4).

Também em Homero, há a alusão de um velho com suas partes íntimas ensanguentadas e a antítese bela morte do jovem x a feia morte do velho, conforme as palavras do rei Príamo (HOMERO. *Ilíada* XXII, 73-79).

A lei espartana prevê muitas recompensas para os sobreviventes vitoriosos, mas essas são negadas ao errante do fragmento 10 W, visto que este covarde não mostrou sua *areté*, sua “excelência” no campo de batalha.

Ora, o fragmento 12 W expressa a visão de que a *areté* marcial suprema é a mais importante variedade de excelência. Tirteu prefere a *areté* marcial a outros tipos (versos 1-20), uma vez que, em Esparta, a coragem é considerada como a maior de todas.

Tirteu, para expressar, qual é a maior *areté* utiliza, como parâmetros, seres mitológicos (12 W 1-16). O vocábulo *areté* está ligado, etimologicamente, ao superlativo *áristos*, o “mais valente, o mais conceituado” e ao verbo *aristeúein*, “ser o melhor ou o mais bravo, excelente”. É bem verdade que Tirteu apresenta, no mesmo fragmento, outros tipos de *aretaí*: altura, velocidade, sabedoria, persuasão, beleza, riqueza, poder, força etc., mas coloca a *thoúris álke*, a “coragem impetuosa” (12 W, 9) antes de qualquer outras *aretaí*, “excelências”.

Na Antiga Esparta, o herói que não morre no campo de batalha como um *anér agathós*, um “homem valente”, mas não foge da luta, compartilha das mesmas honras durante a sua vida e a mesma glória daqueles que morreram em batalha. Já velhos são respeitados, pois, para o herói espartano, a morte gloriosa não é um fim último; para ele o maior bem ainda será a vida, desde que seja acompanhada de *timé*, “honra”.

O herói, que sobrevive, tem pleno reconhecimento de todos, durante a vida, usufrui de certos prazeres, destaca-se entre seus companheiros (12 W, 37-39), é desejado pelas mulheres e tem a admiração dos homens; entretanto, o guerreiro, que morre bravamente no combate, confere, graças a suas ações, glórias à sua família e à sua cidade (12 W, 24), além de ser, honrado por seus companheiros e por sua cidade (12 W, 27-28), e seus filhos serão distinguidos entre os outros homens (12 W, 29), e ele mesmo ganha *kléos*, “fama” (12 W, 31).

Como se infere da leitura das elegias de Tirteu, poeta contemporâneo da Segunda Guerra Messênia e que viveu numa sociedade predominantemente guerreira como a espartana, a bela morte é importante para os espartanos que tanto elogiam a coragem dos valentes quanto censuram os covardes. Para os valentes, o *kléos*, a “glória”; para os covardes, o “opróbrio e a desonra”, *óneidos kai atimíe*.

A pusilanimidade era, totalmente, reprovada naquela sociedade, sendo vista com repugnância, uma vez que a *areté*, a “excelência” mais importante era o valor guerreiro, isto é, a coragem impetuosa a serviço da cidade. A infâmia seguia não só o guerreiro covarde como também a sua família.

O guerreiro alcançava a bela morte se morresse lutando bravamente, cada um em seu posto, pois deveria ser portador de *sophrosýne*, a “temperança”. Pode-se afirmar, ainda, que a *lýssa*, o “furor guerreiro” e a *sophrosýne*, a “temperança” serão as oposições que distinguirão o guerreiro homérico do hoplita, o herói *tirteano*.

Tirteu dá indicações, em suas elegias, do que seria a feia morte: o cadáver de um fugitivo estendido na terra, ferido pelas costas e a morte de um guerreiro mais velho nos primeiros lugares da falange, onde deveriam ser ocupados por um guerreiro mais jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADKINS, A.W.H. *Poetic Craft in the Early Greek elegists*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1985.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.
- CAIRNS, Douglas L. *Aidós: The Psychology and Ethics of Honores and Shame in Ancient Greek Literature*. Oxford/ New York: Oxford Clarecedon Press, 1999.
- CLAUDE, Mossé. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- DETIENNE, Marcel. (org.) *Problèmes de la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: Éditions de l' école des Hautes Études en Sciences Sociales, 1999.
- GNOLI, G. & VERNANT, Jean-Pierre, (org.). La Belle Mort et le Cadavre Outrage. In: *La Mort, les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l' Homme, 1977, p. 62.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
- _____. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1983.
- LORAUX, Nicole. *Les Experiences de Tirésias: Le Féminin et l' Homme Grec*. Paris: Gallimard, 1989, p. 77.
- ROMILLY, Jacqueline de. *Homero -Introdução aos Poemas Homéricos - Tradução de Leonor Santa- Bárbara*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- VERNANT, Jean-Pierre, (org.). *O Homem Grego*. Tradução de Maria Jorge V. de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- _____, Jean-Pierre, *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Difel, 2002.
- WEST, Martin. *Iambi et Elegi Graeci Ante Alexandrum Cantati*. New York: Oxford, 1992.